

Pandemia de desinformação: as *fake news* no contexto da Covid-19 no Brasil

The pandemic of disinformation: fake news in the context of Covid-19 in Brazil

Pandemia de desinformación: *fake news* en el contexto del Covid-19 en Brasil

Paula Falcão^{1,a}

paulafalcaos@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5206-8790>

Aline Batista de Souza^{2,b}

line.batist@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-0253-8029>

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

^b Especialização em Marketing Digital pelo Instituto Infnet.

RESUMO

Desde o final de 2019, o mundo tem enfrentado uma das mais graves pandemias da História: a Covid-19. Os riscos de contaminação, a busca pela cura, a necessidade de isolamento social, os números de morte que crescem a cada dia. O mundo já havia passado por tudo isso em outras crises sanitárias, mas a atual tem particularidades: graças aos avanços tecnológicos e ao advento da internet, hoje vivemos em uma sociedade em rede, na qual os indivíduos estão conectados de maneira global e a informação circula intensamente por meio de dispositivos digitais. Com instituições em crise, autoridades perdem credibilidade e vivenciamos a Era da Pós-verdade, onde reinam as *fake news*. Neste trabalho, discutiremos esse cenário da desinformação, infodemia e desinfodemia e traremos, de maneira expositiva, diversas *fake news* disseminadas durante a pandemia no Brasil – coletadas em portais de notícias, entre março e setembro de 2020, e organizadas conforme categorização temática de Posetti e Bontcheva.

Palavras-chave: Desinformação; Covid-19; *Fake news*; Pós-verdade; Redes sociais.

ABSTRACT

Since the end of 2019, the world has faced one of the most serious pandemics in history: Covid-19. The risks of contamination, the search for a cure, the need for social isolation, the death numbers that are growing every day. The world had already gone through all this in other health crises, but the current one has particularities: thanks to technological advances and the advent of the internet, today we live in a networked society, in which individuals are globally connected and information circulates intensively

through digital devices. With institutions in crisis, authorities lose credibility and we experience the Post-Truth Era, where fake news reigns. In this paper, we will discuss this scenario of disinformation, infodemia and disinfodemia and will bring, in an expository way, several fake news disseminated during the pandemic in Brazil - collected in news portals, between March and September 2020, and organized according to the thematic categorization of Posetti and Bontcheva.

Keywords: Disinformation; Covid-19; Fake news; Post-truth; Social networks.

RESUMEN

Desde finales de 2019, el mundo se ha enfrentado a una de las pandemias más graves de la historia: Covid-19. Los riesgos de contaminación, la búsqueda de una cura, la necesidad de aislamiento social, las cifras de muertes que aumentan cada día. El mundo ya había pasado por todo esto en otras crisis de salud, pero la actual tiene particularidades: gracias a los avances tecnológicos y el advenimiento de internet, hoy vivimos en una sociedad en red, en la que los individuos están conectados globalmente y la información circula intensamente por dispositivos digitales. Con instituciones en crisis, las autoridades pierden credibilidad y vivimos la Era de la Post-Verdad, donde reinan las fake news. En este artículo, discutiremos este escenario de desinformación, infodemia y disinfodemia y traerá, de manera expositiva, varias fake news difundidas durante la pandemia en Brasil, recogidas en portales de noticias, entre marzo y septiembre de 2020, y organizadas según el categorización temática de Posetti y Bontcheva.

Palabras clave: Desinformación; Covid-19; *Fake news*; Posverdad; Redes sociales.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Este artigo compõe o dossiê Comunicação, Saúde e Crises Globais: parte 2.

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Aline Batista de Souza e Paula Falcão de Souza.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Paula Falcão de Souza.

Redação do manuscrito: Aline Batista de Souza e Paula Falcão de Souza.

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Paula Falcão de Souza.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 13 set. 2020 | aceito: 15 jan. 2021 | publicado: 22 mar. 2021.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à *Reciis*. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

SOCIEDADE EM REDE E A ERA DA PÓS-VERDADE

Graças ao advento da internet e à proliferação dos dispositivos móveis originou-se um novo ambiente comunicativo, definido por Castells (2000) como Sociedade em Rede – aquela cuja estrutura social é composta de redes ativadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Trata-se de uma sociedade cujo funcionamento é estruturado em rede de abrangência global, pois as redes não se limitam às fronteiras existentes entre países ou estados.

Nesse contexto, Lemos (2002) considera uma nova relação entre as tecnologias e a sociabilidade, a partir da infraestrutura do ciberespaço – um “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p. 32). Lévy (1999) afirma que o ciberespaço é a nova ágora dos debates políticos, pois proporciona aos indivíduos flexibilidade, interatividade, maior capilaridade na troca de informações em tempo real, ampliação de conexões e a criação de redes cada vez mais interativas.

Contudo, apesar de possibilitar a democratização do acesso e da produção de conteúdo, as redes também podem ter um lado nebuloso, conforme afirma Umberto Eco (REDES..., 2015): “as redes sociais dão o direito à palavra a uma ‘legião de imbecis’ que antes falavam apenas ‘em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade’ [...]”. A fala de Eco ressoa sobre a ideia de que a multiplicidade de emissores possibilitada pelas redes possa ter contribuído para a relativização da verdade na sociedade atual, o que a leva a uma ‘crise da verdade’, isto é, a sociedade começa a vivenciar a desconfiança, a descredibilidade, as disputas pela narrativa da verdade que permeiam a disputa pelo poder.

Verdade e poder. Esses dois conceitos estão interlaçados na obra de Foucault.

Em nossas sociedades, a economia da verdade tem cinco características historicamente importantes: a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida à constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns aparelhos políticos ou econômicos (universidade, Exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e confronto social (as lutas ideológicas). (FOUCAULT, 2012, p. 52).

Foucault pontua, ainda, que “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (FOUCAULT, 2012, p. 52). Para o autor, cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros, as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Essa problematização da noção de verdade chegou a um ponto crítico na segunda década do século XXI, a partir do que vem sendo chamado de Era da Pós-verdade. Trata-se de um período em que decisões tomadas por apelos emocionais parecem ter mais peso do que aquelas motivadas por fatos objetivos. A respeito da relativização da verdade, Arendt afirma:

O resultado de uma substituição total e consistente da verdade factual por mentiras não é que a mentira será agora aceita como verdade e que a verdade será difamada como uma mentira, mas que o próprio senso pelo qual nos orientamos no mundo real – e a categoria de verdade como oposta à de falsidade está entre os recursos mentais que nos orientam – está sendo destruído. (ARENDRT, 1995 *apud* TEIXEIRA, 2018, p. 33).

A chamada Era da Pós-verdade se sustenta, portanto, na desordem informacional. Essa desinformação abala a confiança nas instituições e nos meios de comunicação tradicionais e digitais, assim como pode

prejudicar a democracia ao comprometer a capacidade dos cidadãos de tomarem decisões bem informadas. Ademais, a deficiência informativa enfraquece também a liberdade de expressão, que é um direito fundamental previsto na Constituição Federal brasileira de 1988, em vigor atualmente.

Em 2016, o Dicionário Oxford elegeu o termo *'post-truth'* (pós-verdade, na tradução para o português) como a palavra do ano, definindo-a como um adjetivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais” (2016). Essa definição foi baseada no aumento do uso do termo pelos internautas, registrado pelo Google Trends, que atingiu um pico alto de buscas em novembro de 2016, em todo o mundo.

Silva (2019) aponta que, apesar de estar mais em voga atualmente, a expressão pós-verdade não é nova, já tendo sido mencionada por Steve Tesich, em 1992, em seu artigo *'A Government of Lies'*, publicado na revista *The Nation*, no qual afirma que os Estados Unidos entraram em estado de “aversão à verdade” (p. 19) no período após o Watergate – escândalo que culminou na renúncia do então presidente republicano Richard Nixon, em 1974. Na publicação, Tesich não define exatamente a pós-verdade, mas utiliza o termo para se referir a uma escolha de mundo em que a sociedade americana decide sobre a verdade na qual quer acreditar.

Segundo Castells (2018), as sociedades em geral têm sofrido com múltiplas crises, a saber: uma crise econômica que se prolonga em precariedade de trabalho e em salários de pobreza; um terrorismo fanático que fratura a convivência humana, alimenta o medo e dá amparo à restrição da liberdade em nome da segurança; as permanentes ameaças de guerras atroz como forma de lidar com os conflitos; uma violência contra as mulheres que ousaram ser elas mesmas; uma galáxia de comunicação dominada pela mentira; a ausência de privacidade, na qual nos transformamos em dados; e uma cultura denominada entretenimento e construída sobre o estímulo de nossos baixos instintos e a comercialização de nossos demônios.

Para o autor, há uma crise ainda mais profunda que nos incapacita na forma de lidar com as inúmeras crises existentes em nossas vidas: a ruptura da relação entre governantes e governados. Ele afirma que atualmente vive-se, em quase todo o mundo, a desconfiança nas instituições, o que deslegitima a representação política, levando a uma ruptura que se torna mais aguda por desestabilizar a sociedade em nível emocional e cognitivo (CASTELLS, 2018).

Castells (2013) afirma que as relações de poder são constitutivas da sociedade porque aqueles que detêm o poder constroem as instituições segundo seus valores e interesses. Sendo assim, o poder é exercido por meio da coerção (o monopólio da violência, legítima ou não, pelo controle do Estado) e/ou pela construção de significados nas mentes das pessoas, mediante mecanismos de manipulação simbólica. Ele defende, ainda, que as relações de poder estão embutidas nas instituições da sociedade, particularmente nas do Estado.

Nesse sentido, a mola propulsora para a pós-verdade estaria contida numa crise de representatividade das instituições como um todo, na ruína da confiança nas sociedades, especificamente, nas relações entre classe política, cidadãos e instituições. Isso porque, “se for rompido o vínculo subjetivo entre o que os cidadãos pensam e querem e as ações daqueles a quem elegemos e pagamos, produz-se o que denominamos crise de legitimidade política” (CASTELLS, 2018).

Para D'Ancona, “a pós-verdade floresceu nesse contexto, quando os *firewalls* e os anticorpos (misturando metáforas) se enfraqueceram. Quando os supostos fiadores da honestidade vacilam, o mesmo acontece com a verdade” (D'ANCONA, 2018 *apud* SILVA, 2019, p. 26). O autor define que, na pós-verdade, a questão não é determinar a verdade por meio de um processo de avaliação racional e conclusiva, mas escolher a própria verdade, “como se escolhesse comida de um bufê” (D'ANCONA, 2018 *apud* SILVA, 2019, p. 27). A partir daí, nascem diversos fenômenos, como a negação da ciência, por exemplo, no que tange às mudanças climáticas e às questões de saúde.

Na perspectiva de Levitin (2017 *apud* SILVA, 2019), a saída desta crise estaria no exercício do pensamento crítico como combate à desinformação. A partir dessa visão, o autor discorre sobre dois elementos fundamentais que possibilitaram a disseminação de mentiras em larga escala. O primeiro se refere ao tipo de linguagem que utilizamos, tornando nebulosa a relação entre fatos e fantasia. O segundo diz respeito à ausência de uma educação de qualidade, que afetou a capacidade crítica de uma geração de cidadãos, ocasionando ao indivíduo o prejuízo em sua capacidade de tomar decisões mediante fontes confiáveis. A Era da Pós-verdade seria, portanto, uma “era de irracionalidade voluntária, em que a humanidade está revertendo todos os grandes avanços conquistados” (LEVITIN, 2017 *apud* SILVA, 2019, p. 30).

Nessa linha de pensamento, McIntyre (2018 *apud* SILVA, 2019) nomeia como ‘ignorância voluntária’ a atitude de indivíduos que não sabem se algo é verdade, mas dizem que é verdade mesmo assim, sem se preocupar em checar as informações. O autor defende que se pode culpar o indivíduo por preguiça e/ou negligência em não apurar os fatos, sendo ele parcialmente culpado pela própria ignorância.

De acordo com o Dicionário Oxford na definição de pós-verdade, o prefixo ‘pós’ não indica a ideia de ‘passado’ no sentido temporal como em ‘pós-guerra’, mas no sentido de verdade ultrapassada. Em suma, conforme pontua Silva (2019), o contexto que caracteriza a pós-verdade vem de raízes profundas: o colapso da confiança nas instituições; o descontentamento político; o acesso a conteúdo informativo de modo imediato; o grande volume de informações veiculadas na internet; o crescimento e aperfeiçoamento das mídias sociais; a acirrada polarização política; a crise da indústria jornalística frente aos novos desafios das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs); a má apuração de notícias no jornalismo; a popularização das redes sociais; a falta de educação digital; a carência de exercício do pensamento crítico; o uso de conteúdo não qualificado nos debates públicos; a monetização através das notícias caça-cliques; a personalização desenfreada dos mecanismos de busca na internet; a manipulação política nas redes sociais através de robôs (*bots*); as bolhas informativas fomentadas pelos algoritmos; e o indivíduo que encontrou seu lugar de fala na construção de novas narrativas fomentadas pelas TICs.

A disputa pelo monopólio da verdade é fenômeno antigo na sociedade, mas ganha novos contornos no contexto digital. Nesse cenário, Silva (2019) ressalta que não é o regime de verdade do jornalismo que está falhando, são os indivíduos que acreditam cegamente nas informações que condizem com suas próprias visões de mundo, mesmo que os fatos objetivos estejam à disposição. Sendo assim, pode-se considerar que é esse o regime de verdade da Era da Pós-verdade que está em voga, ou seja, o indivíduo acredita no que for mais conveniente para si, uma vez que as pessoas compartilham inadvertidamente um conteúdo, com preferência aos apelos emocionais e às crenças pessoais em detrimento dos fatos objetivos. O fenômeno das notícias falsas seria, portanto, uma consequência da Era da Pós-verdade.

FAKE NEWS, DESINFORMAÇÃO, INFODEMIA E DESINFODEMIA

Segundo Teixeira (2018), a expressão *fake news* surgiu no século XIX em substituição ao termo ‘*false news*’, para representar as notícias fabricadas e fraudadas pelos meios de comunicação de massa e impostas como verdades por revistas, jornais, rádios e canais de televisão. Dessa maneira, as *fake news* surgiram na imprensa – o termo foi cunhado para apontar um produto da mídia, na época em que a imprensa se mantinha praticamente como emissora única da verdade.

Um levantamento feito por Teixeira (2018) no *site* da Library of Congress – que mantém acervo digitalizado dos jornais americanos desde o século XVIII – aponta que a primeira aparição do termo ‘*false news*’ na imprensa americana ocorreu em 7 de agosto de 1852, no jornal The New York Herald. Mais tarde, nos anos 1980, a expressão foi substituída por *fake news*. O uso desse vocabulário fazia parte, principalmente, de críticas ao jornalismo que se produzia na época – numa troca de farpas entre dois jornais que produziam notícias falsas sistematicamente, o The New York World e o New York Journal.

Conforme relata Teixeira (2018), com o intuito de alavancar as vendas, em 1835, o jornal *The New York Sun* publicou uma série de notícias inventadas sobre a suposta descoberta da vida na Lua. O protagonista da história era o astrônomo John Herschel, que descrevia suas fraudulentas descobertas povoadas com animais fantásticos, bodes, cabras, unicórnios e humanoides alados. Especialistas da Escola de Direito da Universidade de Harvard afirmam que o uso de *fake news* é mais apropriado para se referir às notícias falsas, pois não são apenas falsas (*false*), mas são informações fabricadas com o intuito de esconder que são falsas. Para o *Collins Dictionary*, *fake news* correspondem a “informação falsa, geralmente sensacionalista, que se espalha disfarçada de notícia jornalística” (2019 *apud* TEIXEIRA, 2018, p. 21).

Teixeira (2018) relembra a fala de Goebbels, ministro da Propaganda na Alemanha Nazista: “[...] basta repetir uma mentira à exaustão para que ela se torne uma verdade” (p. 33). Um exemplo de como a falsificação da informação não é um fenômeno contemporâneo ao surgimento das redes sociais, mas uma prática comunicativa antiga na disputa pelo poder. No caso do nazismo era o próprio Estado – detentor do controle da mídia – que atuava como principal emissor das falsas notícias, reverberadas pelos meios de comunicação em massa.

Outra fala sintomática a respeito do tema foi dita pelo senador americano Hiram Johnson, no Congresso, em 1917: “[...] quando uma guerra começa, a primeira vítima é a verdade” (1917, *apud* TEIXEIRA, 2018, p. 38), referindo-se à cobertura que os jornais americanos faziam da Primeira Guerra Mundial. É possível identificar as falsas notícias em diversos momentos históricos, nos quais a disputa pelo poder e pela verdade levou o próprio Estado e a imprensa a disseminá-las: na Guerra Fria; na Guerra Hispano-Americana; na Ditadura brasileira; nas eleições brasileiras de 1989, quando a Globo editou tendenciosamente o debate entre os candidatos Lula e Collor a fim de favorecer o último; e, mais recentemente, na campanha eleitoral feita por Donald Trump nas eleições presidenciais nos EUA, em 2016; e, no mesmo ano, o Brexit, quando a maioria do povo britânico decidiu pela saída do Reino Unido da União Europeia. De lá para cá, as notícias falsas ganharam ainda mais força, principalmente em contextos de disputa pelo poder e pela narrativa da verdade.

A internet tornou possível que qualquer cidadão exerça os papéis de criador e disseminador de conteúdos e também amplificou, em grandes escalas, o espalhamento de *fake news* criadas por agentes públicos e autoridades. Portanto, o ambiente digital confere nova potência às *fake news* (TEIXEIRA, 2018), como se ele amplificasse a força dos boatos e das fofocas de tempos analógicos.

Teixeira (2018) também discorre sobre a influência das notícias falsas no campo da saúde e aponta que, segundo levantamento do Ministério da Saúde, os números de imunização contra doenças no Brasil nunca estiveram tão baixos. Entre os fatores que afastaram os brasileiros das vacinas estão as *fake news*, segundo as autoridades sanitárias nacionais e internacionais. Um dos casos emblemáticos ocorreu em 2017, quando dezenas de macacos foram mortos em diversos estados do Brasil, depois de circularem *fake news* de que eles eram vetores de transmissão da febre amarela. O Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos Bio-Manguinhos, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), chegou a fazer um apelo em seu *site*: “Não matem os macacos! Eles são aliados da saúde no combate à febre amarela.” (CZEZACKI, 2017).

Ainda no campo da saúde, um levantamento realizado por Teixeira (2018) mostra que, nos últimos anos, as *fake news*, aliadas aos movimentos antivacina, contribuíram para reduzir os índices de imunização da população mundial – o que causou mortes e, ainda, a volta de doenças que já haviam sido erradicadas. Teixeira (2018) relembra a Revolta da Vacina, ocasião em que a população da cidade do Rio de Janeiro se mobilizou contra a vacinação compulsória para combater a varíola. O ano era 1904 e havia pouca informação sobre riscos e efeitos da vacina, de maneira que os boatos acerca dos prejuízos circulavam livremente. Esse episódio é apontado como o primeiro movimento antivacina no Brasil.

A Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) alertou para a forte interferência das *fake news* nas taxas de imunização das Américas nos últimos anos, especialmente contra o sarampo (OPAS, 2018 *apud* TEIXEIRA, 2018). No Brasil, por exemplo, o índice de cobertura da vacina tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) caiu de 100% em 2004 para 85% em 2017, segundo dados do Ministério da Saúde (2017 *apud* TEIXEIRA, 2018). São diversos os fatores que influenciam nessas taxas, e as *fake news* ocupam um lugar de destaque nesse quesito.

Diante desse cenário em que novos termos têm surgido, faz-se necessário traçar uma conceituação e diferenciação entre as terminologias utilizadas no contexto da pandemia de Covid-19. Conforme aponta Zattar (2020), a definição de infodemia, com base na Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2020, é a propagação de informações em volume excessivo, que, por suas características essencialmente quantitativas, podem ter como reflexo a disseminação de informações falsas (ou imprecisas) que atrapalham o acesso às fontes confiáveis em meio à hiperinformação disponível sobre um tema.

Já a desinformação não é uma novidade da contemporaneidade. Segundo Zattar, a noção de desinformação vem do inglês *disinformation* e data do período de Guerra Fria. Ela foi apresentada no Chambers Twentieth Century Dictionary, Londres, em 1972, com a seguinte definição “vazamento proposital de informações enganosas” (VOLKOFF, 2004 *apud* ZATTAR, 2020, p.5). No contexto pandêmico da Covid-19, tem-se a emergência da desinfodemia como uma variação da desinformação na infodemia. Isto porque, no escopo da desinformação e da infodemia, tem-se a desinfodemia, que surge em 2020, no contexto pandêmico da Covid-19, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco *apud* ZATTAR, 2020, p. 6).

Conforme apresentam Posetti e Bontcheva (2020), a desinfodemia apresenta-se como um recorte da infodemia, na medida em que os problemas das dinâmicas informacionais deixam de estar relacionados ao volume de informação e passam a ser as informações falsas e não confiáveis relacionadas à pandemia, de maneira premeditada ou não. Em resumo, pode-se dizer, portanto, que a infodemia possibilita que as informações falsas (desinformação) também surjam em maior proporção, o que configura a desinfodemia, tal como foi denominada pela Unesco.

A PRÁTICA JORNALÍSTICA SOB ATAQUE

Os brasileiros estão entre os povos mais conectados do mundo (PNAD, 2020), o que torna o país um terreno fértil para a disseminação das notícias falsas, todavia a desinformação não é exclusividade dos trópicos. Segundo Teixeira (2018), na Europa também foi travado um forte embate contra as vacinas. Sobre a onda antivacina, aqui no Brasil, nos anos 1990, começaram a circular informações sem qualquer comprovação científica a respeito da vacina contra hepatite B. O resultado é que, até 2002, menos da metade das crianças e dos adolescentes do Brasil haviam tomado as três doses da vacina.

Por aqui, as notícias fraudulentas ganharam muita força nas eleições presidenciais de 2018. Pela primeira vez na história da comunicação digital, e provavelmente de toda a comunicação, as *fake news* se reproduziram como um vírus no aplicativo de troca de mensagens privado, o WhatsApp. O episódio levou instituições governamentais, que acompanham o fenômeno em processos eleitorais no mundo inteiro, como a Organização dos Estados Americanos (OEA), a declararem que a manifestação de notícias falsas no Brasil ocorreu num nível sem precedentes (MELLO, 2018).

Teixeira (2018) menciona um levantamento feito por pesquisadores do Oxford Internet Institute, da Universidade de Oxford, cujos resultados apontam que os grupos conservadores de extrema direita são os maiores responsáveis pela disseminação de notícias falsas nas redes digitais. No Brasil, a campanha do então candidato à presidência, pelo Partido Social Liberal (PSL), Jair Bolsonaro, foi acusada de receber apoio de empresas que teriam investido milhões de reais no disparo de *fake news* pelo

WhatsApp – o conteúdo do material tinha cunho antipetista, de ataque ao adversário Fernando Haddad, candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Ao que tudo indica, os partidos de direita se municiam mais dessa manipulação das notícias, em comparação com os partidos de esquerda. Conforme relata Teixeira (2018), o *site* BuzzFeed, nos EUA, acompanhou seis páginas de conteúdo político de viés direitista durante a campanha eleitoral americana de 2016 e apontou que 38% das postagens continham informações falsas. Já nas redes esquerdistas, o índice é de 19%.

Outra pesquisa relevante citada por Teixeira (2018) foi um levantamento realizado pela Universidade de Oxford, que mostrou que mais da metade do tráfego da internet é feito por robôs (ou *bots*, em inglês) – programas que simulam ações humanas repetidas vezes, em um padrão. Uma das funções desses *bots* é disseminar *fake news*, contudo, ao contrário do que se pode pensar à primeira vista, eles não são os únicos responsáveis pela difusão das notícias falsas na internet. Na verdade, os próprios usuários, embalados por sentimentos de medo, repulsa e surpresa é que são os maiores responsáveis pelo compartilhamento desse tipo de conteúdo.

São muitos os casos em que a própria população dissemina inverdades, movida por esse tipo de sentimento e, na grande maioria dos casos, torna-se praticamente impossível – ou de fato impossível – desfazer o ‘estrago’ causado pela desinformação. É o caso do linchamento coletivo de Fabiane Maria de Jesus (ROSSI, 2014), 33 anos, que ocorreu após circular, em uma página no Facebook, o boato de que ela sequestrava crianças para praticar ‘magia negra’ⁱ. A multidão filmou o espancamento utilizando *smartphones* e os vídeos foram massivamente compartilhados nas redes sociais. O caso aconteceu em Guarujá-SP e ganhou repercussão nacional. Fabiane morreu no hospital, alguns dias após a agressão. Pouco tempo depois, descobriram sua inocência.

Apesar do uso já consolidado, nos últimos anos tem havido discussões acerca do termo *fake news*. Conforme explica Teixeira (2018), a Comissão Europeia, órgão executivo da União Europeia (UE), afirma que:

[...] o termo *fake news* não é apenas inadequado, mas também enganoso, porque foi apropriado por alguns políticos e seus apoiadores, que usam o termo para desvalorizar a cobertura jornalística que eles acham desagradável, e tornou-se assim uma arma com a qual atores poderosos podem interferir na circulação de informação e atacar e minar os meios de comunicação independentes. (2018 *apud* TEIXEIRA, 2018, p. 22).

Um dos exemplos recentes dessa conduta pode ser notado no tratamento que o presidente Jair Bolsonaro tem destinado à imprensa brasileira – especialmente na crise sanitária provocada pela pandemia da Covid-19. Em diversas ocasiões, ele acusou a Folha de S.Paulo de publicar *fake news* e chegou a ameaçar a imprensa, ao afirmar que veículos que se comportassem como a Folha não receberiam recursos do governo (RAATZ, 2020). Além disso, o presidente tem tratado com hostilidade os jornalistas que o questionam sobre temas que o desagradam (BENITES, 2020).

A chapa de Bolsonaro, nas eleições de 2018, está sendo investigada sob a acusação de disseminação de notícias falsas durante a campanha política (TEÓFILO, 2020b). Conforme aponta Teixeira (2018), em julho de 2018, foram retiradas do ar 196 páginas e 87 perfis no Facebook, a maioria ligada a apoiadores de Jair Bolsonaro e do Movimento Brasil Livre. Em outubro do mesmo ano, o WhatsApp afirmou que banuiu de sua rede centenas de milhares de contas ligadas ao disparo massivo de informações falsas durante as eleições brasileiras (TEÓFILO, 2020b).

Em 28 de agosto de 2018, em entrevista ao Jornal Nacional (TV Globo) (COLETTA, 2018), o então candidato à presidência da república apresentou uma cartilha com conteúdo sobre educação sexual que, segundo ele, foi adotada pelo Ministério da Educação e Cultura para uso nas aulas do Ensino Fundamental

i Utilizamos essa expressão, porque é como está escrito na matéria jornalística do G1, mas optamos pelo uso das aspas, por se tratar de um termo racista.

da rede pública. A questão foi logo esclarecida: aquele material jamais circulou nas escolas públicas brasileiras, mas até os dias atuais há ainda brasileiros que acreditam na falsa denúncia feita por Bolsonaro.

Nesse cenário em que as autoridades e o próprio Estado têm posto em xeque a atuação da imprensa, faz-se ainda mais necessário ressaltar a importância do jornalismo de qualidade. Até poucos anos atrás, a prática da checagem dos fatos (*fact-checking*, em inglês) não era considerada um nicho do jornalismo, afinal, ela sempre foi uma premissa para a existência do trabalho jornalístico. No entanto, recentemente, o trabalho de checagem ganhou destaque como ferramenta imprescindível na luta contra a desinformação.

Diversas entidades se mobilizaram para a criação de agências de comunicação especializadas em *fact-checking* – como é o caso dos sites Boatos.org e Aos Fatos e da agência Lupa. Durante as campanhas presidenciais de 2018, foi criada uma agência com o intuito de checar fatos e desmascarar *fake news* que circulavam pelo WhatsApp. Trata-se do Projeto Comprovaⁱⁱ, que atuou nos meses de setembro e outubro, e teve a participação de 24 veículos da comunicação nacional. O Comprova continua ativo até hoje, segue atuando na checagem de notícias sobre temáticas variadas.

O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) (SILVA, 2019), em sua pesquisa TIC Domicílios 2017, mensura o acesso e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nos domicílios e por indivíduos. Dados apontam que, no Brasil, há 42,1 milhões de residências com acesso à internet, bem como 120,7 milhões de usuários de internet (que a utilizaram há menos de três meses). Esses dados mostram como os meios de comunicação *on-line* têm estado cada vez mais presentes na vida dos brasileiros, o que tem provocado transformações na prática jornalística.

Bueno resume essas mudanças, ao afirmar que:

[...] durante sua evolução, o jornalismo passou por diversas transformações técnicas. Desde o final do século XX, enfrenta a adaptação às inovações tecnológicas resultantes do surgimento da internet como nova plataforma de informação. Um dos resultados é a ampliação das possibilidades de produção de notícias, com novas e notáveis ferramentas capazes tanto de ampliar o trabalho de geração e distribuição de conteúdo, quanto de permitir a qualquer pessoa também assumir este papel. (BUENO, 2015, p. 161)

Como defende Bucci (2006), o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela abertura às mais variadas opiniões sobre os fatos, pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação. Reside aí a importância de um jornalismo idôneo, pautado pela ética no exercício da profissão, a fim de promover para todos os cidadãos o direito ao acesso à informação, previsto na legislação brasileira.

A partir da correta divulgação dos fatos, combinada a uma melhor educação – inclusive digital –, é possível despertar o pensamento crítico dos indivíduos. Isso porque uma das premissas para a existência de pensamento crítico é a existência de informações corretas. Conforme assinala Levitin, não há ‘notícias’ em notícias falsas, pois a própria noção de notícia já traz consigo a exigência de verdade dos fatos.

Para o autor,

[...] a crença em mentiras pode ser inofensiva como a crença no Papai Noel ou a crença de que esse novo *jeans* me faz parecer magra. O que arma as mentiras não são a mídia ou o Facebook. O perigo está na intensidade da crença – o excesso de confiança inquestionável do que é verdade. O pensamento crítico nos treina a dar um passo para trás, avaliar fatos e formular conclusões baseadas em evidências (LEVITIN, 2017 *apud* SILVA, 2019, p. 30)

ii <https://projeto comprova.com.br/>.

AS FAKE NEWS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Tal como o coronavírus se espalhou pelo mundo, também se espalharam as *fake news* sobre o assunto. Não é à toa que a OMS (Organização Mundial da Saúde) tem tratado a questão como uma infodemiaⁱⁱⁱ, isto é, um excesso de informações, algumas precisas e outras não. A OPAS e a OMS afirmam que a infodemia pode agravar ainda mais a pandemia. Isso porque dificulta que fontes idôneas e orientações confiáveis sejam encontradas por pessoas de modo geral, por responsáveis pela tomada de decisões e por profissionais de saúde, quando precisam.

Além disso, essa epidemia da desinformação pode fazer com que as pessoas se sintam ansiosas, deprimidas, sobrecarregadas, emocionalmente exaustas e incapazes de atender a demandas importantes. Também pode afetar os processos de tomada de decisões, quando se esperam respostas imediatas e não se dedica tempo suficiente para analisar com cuidado as evidências, afinal, não há controle de qualidade do que é publicado.

Neste trabalho, com intuito expositivo, trazemos um apanhado das variadas *fake news* que têm circulado no Brasil durante a pandemia. Esses exemplos foram coletados de notícias de veículos de comunicação on-line, dos sites de agências de checagem e, principalmente, do site do Ministério da Saúde – na página específica que o órgão criou para tratar das notícias falsas acerca da Covid-19 (BRASIL, 2020). As coletas foram realizadas em setembro de 2020 e compreendem o período inicial da pandemia no Brasil até o momento de escrita deste trabalho, isto é, entre março e setembro de 2020.

A fim de melhor entendimento, organizamos essas notícias falsas conforme as categorias temáticas criadas por Posetti e Bontcheva (2020). De acordo com as autoras, em geral, os temas das *fake news* relacionadas à Covid-19 são: a) origem e propagação do vírus; b) estatísticas falsas e enganosas; c) impactos econômicos (e sanitários) da pandemia; d) descrédito dos jornalistas e dos meios de comunicação; e) ciência médica: sintomas, diagnóstico e tratamento; f) impactos na sociedade e no meio ambiente; g) politização com ponto de vista; h) conteúdos promovidos para lucro fraudulento, a partir dos dados pessoais; e i) sobre celebridades que supostamente foram contaminadas. Ressaltamos que algumas das *fake news* podem se inserir em mais de uma categoria, pois elas não são excludentes.

Na categoria ‘origem e propagação do vírus’, entre as notícias falsas disseminadas nas redes sociais (como Facebook e Twitter) e nos aplicativos de troca de mensagens (como o WhatsApp) está a afirmação de que “animais de estimação podem transmitir a Covid-19 aos humanos” (MARCONDES, 2020). O Ministério da Saúde aponta que não há evidências sobre isso. Vários cães e gatos que estiveram em contato com humanos infectados testaram positivo para a Covid-19, mas não é possível dizer que esses animais possam transmitir a doença aos seres humanos e espalhar o vírus. Ainda nessa categoria, também têm sido compartilhadas as afirmações de que ‘somente pessoas sintomáticas transmitem a Covid-19’ e de que ‘consumo de álcool protege contra a Covid-19’, ambas já taxadas como falsas pelo Ministério da Saúde.

As *fake news* com receitas caseiras e indicação de produtos naturais para imunização contra a doença estão entre as mais comuns no WhatsApp. Tem sido muito difundida a categoria ‘ciência médica: sintomas, diagnóstico e tratamento’ que, supostamente, previne ou cura a Covid-19: ‘Café previne o coronavírus’; ‘Alimentos alcalinos evitam coronavírus’; ‘Beber água de 15 em 15 minutos cura o coronavírus’; ‘Chá de limão com bicarbonato quente cura coronavírus’; ‘Beber muita água e fazer gargarejo com água morna, sal e vinagre previne coronavírus’; ‘Tomar bebidas quentes para matar o coronavírus’; ‘Coronavírus pode

iii De acordo com material produzido pelo Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde, da OPAS, em parceria com a OMS, o termo ‘infodemia’ se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus (OPAS, 2020).

ser curado com tigela de água de alho recém-fervida'; 'Chá de erva doce cura coronavírus'; 'Chá de abacate com hortelã previne coronavírus'; 'Chá imunológico contra o novo coronavírus'; 'Uísque e mel contra coronavírus'; 'Óleos para combater coronavírus'; 'Vitamina C + zinco e o novo coronavírus'.

As categorias 'descrédito dos jornalistas e dos meios de comunicação' e 'estatísticas falsas e enganosas' aparecem frequentemente juntas. Nas *fake news* com esse teor, é possível identificar uma forte desconfiança a respeito dos números oficiais, bem como a conduta dos gestores públicos: 'Software das UPAS obrigam registro de coronavírus', o que significa dizer que os números oficiais possam ser fraudulentos; 'Governo esconde números sobre o novo coronavírus'; 'Número de óbitos por Covid é de 946'; 'Aplicativo Coronavírus-SUS, do Governo do Brasil, é inseguro'; 'O SUS-COVID-19 é um aplicativo falso e quando instalado no celular capta todas as informações do seu aparelho'.

Durante a coleta de material para este trabalho, nos deparamos com falsas notícias que não estavam contempladas na categorização das autoras, portanto, foi necessário criar algumas categorias extras. É o caso dos 'gatilhos de pânico', falsas notícias que têm algum fator gerador de angústia, medo e/ou confusão: 'Vacina da gripe aumenta risco de adoecer por coronavírus'; 'Máscaras de doação da China são contaminadas com coronavírus'; 'Tribunal chinês para matar 20 mil pacientes com coronavírus'; 'Semelhança do vírus HIV com o coronavírus' 'Utilizar álcool em gel nas mãos para prevenir coronavírus altera bafômetro nas blitz'; 'Novo coronavírus causa pneumonia de imediato'; 'Cientistas chineses dizem que coronavírus tornara a maiorias dos infectados do sexo masculino infértil'.

Outra categoria extra, criada por nós, é a 'falsa cura', que contempla afirmações como: 'Governo do Brasil anuncia vacina do coronavírus'; 'Paciente com coronavírus curada em 48h com medicamentos de aids'; 'Médicos tailandeses curam coronavírus em 48h'; 'Rússia anuncia cura para coronavírus'. Já na categoria 'apelos à religiosidade': 'Óleo consagrado para curar coronavírus'. Por fim, na segmentação 'declarações de profissionais da saúde' são compartilhados textos e/ou áudios supostamente produzidos por médicos, enfermeiros, técnicos e por autoridades da área: 'Áudio do ministro da Saúde sobre pico de infecção do coronavírus'.

Por fim, identificamos também a existência da categoria extra 'informações surreais' (SANTOS, 2020), que abarca afirmações como: 'Urina de vaca como remédio contra o novo coronavírus'; 'Plástico bolha pode passar coronavírus'; 'Termômetro infravermelho mata neurônios'; 'Consumidores de carne bovina seriam imunes ao novo coronavírus'; 'Secador de cabelo destrói o coronavírus', entre muitas outras como os falsos relatos 'Primo do porteiro aqui do prédio'.

Entre tantas checagens, algumas das informações disseminadas foram identificadas pelo Ministério como corretas, por exemplo: 'Fumar aumenta o risco da forma grave de coronavírus'; 'Colocar luvas para manusear dinheiro e evitar coronavírus'; 'Código genético do coronavírus é diferente nos 2 brasileiros infectados'. Contudo, o fato de essas informações verdadeiras serem divulgadas em meio a tantas *fake news* faz com que as pessoas não saibam em quais notícias acreditar.

No Brasil, as *fake news* contam com um aliado no mínimo curioso. Trata-se do próprio presidente da República, Jair Bolsonaro, que desde o início da pandemia vem tratando o assunto como apenas uma "gripezinha" (FOLHAPRESS, 2020a). Mesmo após a confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, Bolsonaro disse que a pandemia era uma "fantasia" (G1, 2020) e, ignorando as recomendações dos órgãos de saúde, o presidente cumprimentou apoiadores durante manifestações, quando a orientação era evitar aglomerações (OTTA, 2020). O líder do Executivo brasileiro fez diversas aparições sem máscara – mesmo quando o uso já era obrigatório no país – e afirmou, em pronunciamento na TV, no dia 24 de março, que o coronavírus não o afetaria "pelo [seu] histórico de atleta" (REDAÇÃO, 2020).

Em 29 de março, durante um passeio em Brasília, Bolsonaro disse que: "– É a vida. Todos nós iremos morrer um dia" (CAIXETA, 2020). Em 10 de abril, em mais um de seus passeios, mesmo quando da

necessidade de isolamento social, ele afirmou: “– Ninguém vai tolher meu direito de ir e vir” (AGÊNCIA ESTADO, 2020), enquanto cumprimentava apoiadores dentro de uma farmácia. Em 20 de abril, ao ser perguntado sobre o número de mortes, o presidente respondeu: “– Eu não sou covheiro” (FOLHAPRESS, 2020b); Em 28 de abril, ele também disse: “– E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre”, em alusão ao nome do meio (GARCIA; GOMES; VIANA, 2020). Ele também se posicionou diversas vezes contra o isolamento social, defendendo que “a economia não pode parar” (SILVA; PASTI, 2020).

No dia 11 de junho, em live no Facebook, o presidente incentivou que seus apoiadores entrassem em hospitais e filmassem a ocupação de leitos (FLORES, 2020), alegando que havia uma supernotificação de mortes por Covid-19 no país. Segundo relatórios da própria Agência Brasileira de Inteligência (Abin), o número de casos da doença pode ser, na verdade, de oito a dez vezes maior do que o notificado. Após a sugestão de Bolsonaro, cinco deputados do Espírito Santo invadiram o Hospital Dório Silva, no município de Serra, no dia 12 de junho. Em entrevista, eles afirmaram que quase todos os leitos estavam ocupados por pacientes com Covid-19 (APÓS..., 2020).

Além disso, o Ministério da Saúde está há mais de dois meses sem um titular (SOUZA; FERREIRA, 2020), em pleno contexto de pandemia – a pasta está sob o comando interino do general da ativa Eduardo Pazuello. Os ministros anteriores, Nelson Teich e Henrique Mandetta, deixaram o cargo por divergências com o presidente a respeito da crise sanitária (ASSIM..., 2020). Outra conduta questionável do Governo Federal foi em relação ao acesso à informação, direito previsto na Constituição de 1988 e também na Lei de Acesso à Informação (LAI). Já sob a gestão de Pazuello, o Ministério da Saúde parou de divulgar o número acumulado de casos e mortes pela Covid-19 no Brasil (RODRIGUES, 2020). Também passou a atrasar o horário de divulgação dos dados, a fim de que o Jornal Nacional (TV Globo) não conseguisse exibi-los diariamente (GARCIA, 2020). A divulgação dos dados se regularizou depois de ordem do Supremo e do surgimento de iniciativas independentes de apuração das informações (PONTES, 2020).

Destacam-se ainda as *fake news* que afirmam que ‘existe um medicamento específico para o tratamento ou a prevenção da Covid-19’ (categoria ‘ciência médica: sintomas, diagnóstico e tratamento’) – essa é a notícia falsa mais disseminada pelo presidente Jair Bolsonaro. Segundo o Ministério da Saúde, os ensaios clínicos ainda estão em andamento e não há nenhuma comprovação de que a hidroxicloroquina ou qualquer outro medicamento possa curar ou prevenir a Covid-19. Mesmo diante da ausência de comprovação científica, Bolsonaro fez propaganda da cloroquina em inúmeras ocasiões – entrevistas, publicações nas redes sociais, fotos, vídeos e lives (ZYLBERKAN, 2020). Depois de divulgar seu resultado positivo para a doença, em 7 de julho, o presidente continuou fazendo propaganda do remédio em suas redes sociais, usando o próprio caso como exemplo (TEÓFILO, 2020a).

O presidente também determinou que o Exército aumentasse a produção de cloroquina, desconsiderando a ausência de comprovação científica de sua eficácia, bem como os seus efeitos colaterais (VELEDA, 2020). Especialistas alertam que o uso da substância não deveria ser feito sem acompanhamento médico direto, por causa da gravidade de possíveis reações ao remédio. Um dos principais efeitos colaterais do medicamento seriam as complicações cardíacas (MENDONÇA, 2020).

Em agosto, foi divulgada outra possível cura – a aplicação de ozonioterapia por via retal. Nas redes sociais, o prefeito de Itajaí (Santa Catarina), Volnei Morastoni (MDB), anunciou que a cidade faria parte de um estudo para utilizar o método no tratamento de pacientes infectados por coronavírus (WAGNER, 2020). O caso gerou polêmica e o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) afirmou que, embora tenha autorizado três estudos para investigar a relação do ozônio com a Covid-19, não há comprovação de que o método funcione (GRANCHI, 2020).

Matéria publicada pelo UOL (SANTOS, 2020) destaca que a International Fact-Checking Network (IFCN) – ou Rede Internacional de Verificação de Fatos, em tradução livre para o português – reuniu mais de 80 veículos em mais de 70 países em uma grande aliança de verificação de notícias falsas. Coincidentemente – ou não –, os três países com mais *fake news* verificadas são os mesmos que lideram os rankings de casos de Covid-19 no mundo: Índia, Estados Unidos e Brasil.

“Uma guerra nas redes sociais envolvendo informações enganosas, ambíguas e falsas, além das consequências negativas para a saúde pública, prejudicaram a adesão a medidas de distanciamento social” (CRUZ, 2020). Esta conclusão está no relatório técnico do Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (Cepedes), da Fiocruz. De acordo com o levantamento, os baixos índices de isolamento social teriam contribuído, significativamente, para a sobrecarga do sistema de saúde, para o comprometimento do atendimento médico-hospitalar e, também, para a inclusão de medicamentos sem eficácia comprovada no tratamento da doença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses mais de seis meses de duração da pandemia no Brasil, circularam e ainda circulam incontáveis *fake news* a respeito da doença, principalmente no que diz respeito a possíveis tratamentos e medicamentos de prevenção e cura – do chá caseiro à ozonioterapia retal. É no mínimo curioso que, em plena sociedade da hiperinformação, tanta desinformação seja disseminada – especialistas já apontam que talvez essa seja a maior campanha de desinformação da História.

As *fake news* não são uma particularidade brasileira. Em todo o mundo tem havido disseminação de notícias falsas acerca da Covid-19. O que chama a atenção no Brasil é o fato de que muitas das informações falsas a respeito da doença foram espalhadas pelo próprio presidente, Jair Bolsonaro, e por seus apoiadores. Isso confere ainda mais gravidade ao fenômeno das *fake news* no país, visto que Bolsonaro ocupa a posição de chefe de Estado e alcança grande visibilidade – inclusive na rede nacional de rádio e televisão.

Especialistas (GOMES, 2020) afirmam que Bolsonaro cometeu crimes de responsabilidade (BRASIL, 2020) na gestão da atual crise sanitária brasileira. Há, inclusive, iniciativas que tentam responsabilizá-lo legalmente na Justiça e no Congresso, com pedidos de impeachment (NICOLAV, 2020). Suas manifestações públicas minimizando os impactos do coronavírus no país, seus incentivos a aglomerações e as omissões de dados sobre a doença figuram entre as principais denúncias de má conduta durante a crise de saúde pública.

Do negacionismo quanto à gravidade da pandemia à divulgação massiva de remédios sem qualquer comprovação científica de eficácia, o principal líder do Executivo pode ter contribuído para a disseminação da doença no Brasil. Em contrapartida, vale ressaltar a importância do trabalho jornalístico sério e ético diante desse cenário – tanto dos profissionais quanto dos veículos de imprensa –, bem como a atuação das agências de checagem de informações. Acreditamos que este seja talvez um momento importante para a valorização do trabalho jornalístico de qualidade, ao enxergá-lo como uma ferramenta de suma relevância no enfrentamento à desinformação desencadeada pelo grande volume de *fake news* que circula atualmente.

Diante de tudo isso, pode-se afirmar a infodemia é uma ameaça à Saúde Pública. A vacina contra a Covid-19 ainda não foi inventada, mas os movimentos antivacina já se articulam para disseminar falsas informações. Matéria publicada pelo El País aponta que esses movimentos cresceram em meio à atual pandemia (SALAS, 2020).

Segundo dados^{iv} divulgados pelo Ministério da Saúde, até a finalização deste artigo, 122.596 pessoas haviam morrido por conta da Covid-19 no Brasil – e o total de casos contabilizava 3.950.931 de contaminados

iv Dados coletados em 02 de setembro de 2020, às 12h30, no site oficial do Ministério da Saúde (Brasil). Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>.

no país. Em todo o mundo, o número de mortes chegava a 848.084 – e o total de pessoas contaminadas era de 25.334.339. Há especulações de que esses números sejam ainda maiores, devido às possibilidades de subnotificação – no Brasil, por exemplo, nem todos os pacientes sintomáticos foram testados, em geral, somente aqueles cujos sintomas eram mais graves.

O excesso de informações imprecisas gera pânico, negacionismo e afrouxamento das medidas de prevenção, o que prejudica diretamente o combate à pandemia. Na já intitulada maior crise global do século XXI, o mundo tem enfrentado dois vírus que se alastram rápido e paralelamente: a Covid-19 e as *fake news*.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. “Ninguém vai tolher meu direito de ir e vir”, diz Bolsonaro em passeio. **R7**, São Paulo, 10 abr. 2020. Brasil. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/ninguem-vai-tolher-meu-direito-de-ir-e-vir-diz-bolsonaro-em-passeio-10042020>. Acesso em: 26 ago. 2020.

APÓS sugestão de Bolsonaro, deputados do ES invadem hospital. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 14 jun. 2020. Política. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/06/14/interna_politica.1156457/apos-sugestao-de-bolsonaro-deputados-do-es-invadem-hospital.shtml. Acesso em: 02 set. 2020.

ASSIM como Teich, Mandetta caiu após discordar de Bolsonaro sobre cloroquina e isolamento. **G1**, Rio de Janeiro, 14 maio 2020. Política. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/mandetta-tambem-caiu-apos-discordancias-com-o-presidente-sobre-cloroquina-e-isolamento-vertical.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2020.

BENITES, Afonso. Bolsonaro ameaça bater em repórter e rede faz eco à pergunta: “Por que Michelle recebeu 89.000 reais do Queiroz?”. **El País Brasil**, Brasília, DF, 24 ago. 2020. Governo Bolsonaro. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-23/a-vontade-e-encher-tua-boca-com-porrada-diz-bolsonaro-a-reporter-que-o-perguntou-sobre-queiroz.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Fake news sobre novo coronavírus**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [ca. 2020]. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/>. Acesso em: 02 set. 2020.

BUCCI, Eugênio. Profissões diferentes requerem códigos de ética diferentes. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 05 set. 2006. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/profissoes-diferentes-requerem-codigos-de-etica-diferentes>. Acesso em: 02 ago. 2020.

BUENO, Wilson da Costa. **Estratégias de comunicação nas mídias sociais**. São Paulo: Manole, 2015.

CAIXETA, Fernando. Bolsonaro sobre coronavírus: “Todos iremos morrer um dia”. **Metrópoles**, Brasília, DF, 29 mar. 2020. Saúde. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/saude-br/bolsonaro-sobre-coronavirus-todos-iremos-morrer-um-dia>. Acesso em: 27 ago. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1, A era da informação: economia, sociedade e cultura.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no Jornal Nacional. **El País Brasil**, São Paulo, 29 ago. 2018. Eleições 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html. Acesso em: 31 ago. 2020.

CRUZ, Ricardo Pedro. *Fake news* relacionadas à Covid-19 crescem no Brasil, diz estudo. **R7**, São Paulo, 21 mai. 2020. Saúde. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/fake-news-relacionadas-a-covid-19-crescem-no-brasil-diz-estudo-21052020>. Acesso em: 02 set. 2020.

CZEZACKI, Aline. **Não matem os macacos!** Eles são aliados da saúde no combate à febre amarela. Rio de Janeiro: Bio-Manguinhos, 15 mar. 2017. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/nao-matem-os-macacos-eles-sao-aliados-da-saude-no-combate-a-febre-amarela>. Acesso em: 01 set. 2020.

FLORES, Lourenço. Bolsonaro incentiva invasão de hospitais para checar ocupação de leitos. **Metrópoles**, Brasília, DF, 11 jun. 2020. Política. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-incentiva-invasao-de-hospitais-para-chechar-ocupacao-de-leitos>. Acesso em: 25 ago. 2020.

FOLHAPRESS. ‘Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar’, diz Bolsonaro. **A Gazeta**, Vitória, 20 mar. 2020a. Brasil. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/brasil/nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-0320>. Acesso em: 02 set. 2020.

FOLHAPRESS. Bolsonaro sobre número de mortes por covid: ‘não sou coveiro’. **A Gazeta**, Vitória, 21 abr. 2020b. Brasil. Disponível em https://www.agazeta.com.br/brasil/bolsonaro-sobre-numero-de-mortes-por-coronavirus-nao-sou-coveiro-0420?utm_medium=redacao&utm_source=twitter&origin_r=leiaaag. Acesso em: 02 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

G1. Bolsonaro diz que ‘pequena crise’ do coronavírus é ‘mais fantasia’ e não ‘isso tudo’ que mídia propaga. **G1**, Brasília, DF, 10 mar. 2020. Política. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/10/bolsonaro-diz-que-questao-do-coronavirus-e-muito-mais-fantasia.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GARCIA, Gustavo. “Acabou matéria do Jornal Nacional”, diz Bolsonaro sobre atrasos na divulgação de mortos por coronavírus. **G1**, Brasília, DF, 05 jun. 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2020.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; “Sou Messias, mas não faço milagre”. **G1**, Brasília, DF, 28 abr. 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GOMES, Bianca. Bolsonaro cometeu crimes de responsabilidade? Especialistas respondem. **Terra**, São Paulo, 26 jan. 2021. Notícias. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/bolsonaro-cometeu-crimes-de-responsabilidade-especialistas-respondem.35eeee1ef17dad331f67230afea3497vjb0rffj.html>. Acesso em: 04 fev. 2021

GRANCHI, Giulia. Do alho ao ozônio: os tratamentos sem comprovação para combater a Covid-19. **Portal UOL**, São Paulo, 08 ago. 2020. Viva Bem. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/08/08/do-alho-ao-ozonio-as-promessas-sem-comprovacao-para-combater-a-covid-19.htm>. Acesso em: 02 set. 2020.

G1. Bolsonaro diz que “pequena crise” do coronavírus é “mais fantasia” e não “isso tudo” que mídia propaga. **G1**, Brasília, DF, 10 mar. 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/10/bolsonaro-diz-que-questao-do-coronavirus-e-muito-mais-fantasia.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2020.

G1. Assim como Teich, Mandetta caiu após discordar de Bolsonaro sobre cloroquina e isolamento. **G1**, Rio de Janeiro, 15 maio 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/mandetta-tambem-caiu-apos-discordancias-com-o-presidente-sobre-cloroquina-e-isolamento-vertical.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2020.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCONDES, Mário. Afinal, os animais podem contrair ou transmitir o novo coronavírus?. **Veja Saúde**, São Paulo, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/pet-saudavel/pets-podem-contrair-transmitir-coronavirus/>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MELLO, Daniel. Para OEA, difusão de notícias falsas no Brasil não tem precedentes. **Agência Brasil**, São Paulo, 25 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/para-oea-difusao-de-noticias-falsas-no-brasil-nao-tem-precedentes>. Acesso em: 01 set. 2020.

MENDONÇA, Ana. Coronavírus: o que especialistas falam sobre o uso da cloroquina. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 13 maio 2020. Nacional. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/13/interna_nacional,1147078/coronavirus-o-que-especialistas-falam-sobre-o-uso-da-cloroquina.shtml. Acesso em: 23 ago. 2020.

NICOLAV, Vanessa. Quais os crimes de Bolsonaro, segundo os pedidos de *impeachment*?. **Brasil de Fato**, São Paulo, 17 jul. 2020. Geral. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/17/quais-os-crimes-do-bolsonaro-segundo-os-pedidos-de-impeachment>. Acesso em: 03 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19**. [Brasília, DF]: OPAS, 2020. *E-book*. (Página Informativa, n. 5). Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em: 06 set. 2020.

OTTA, Lu Aiko. Sem máscara, Bolsonaro cumprimenta apoiadores na Praça dos Três Poderes. **Valor Econômico**, Brasília, DF, 31 mai. 2020. Política. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/31/sem-mascara-bolsonaro-cumprimenta-apoiadores-na-praca-dos-tres-poderes.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2020.

OXFORD LANGUAGES. **Word of the year 2016**. [S. l.]: Oxford University Press, 2016. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 03 set. 2020.

PNAD Contínua TIC 2018: internet chega a 79,1% dos domicílios do país. **Agência de Notícias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, [s. l.], 29 abr. 2020. Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais#:~:text=Pr%C3%B3ximas%20divulga%C3%A7%C3%B5es,-PNAD%20Cont%C3%ADnua%20TIC%202018:%20Internet%20chega%20a%2079.1%25%20dos%20domic%C3%ADlios%20do%20pa%C3%ADs&text=O%20percentual%20de%20domic%C3%ADlios%20que,que%20n%C3%A3o%20utilizavam%20a%20rede>. Acesso em: 01 set. 2020.

PONTES, Felipe. Ministro do STF manda governo divulgar dados totais de Covid-19. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 09 jun. 2020. Justiça. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2020-06/ministro-do-stf-manda-governo-divulgar-dados-totais-de-covid-19>. Acesso em: 24 ago. 2020.

POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. Desinfodemia: descifrando la desinformación sobre el COVID-19. Paris: UNESCO, 2020. *E-book*. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation_es.pdf. Acesso em: 01 jan. 2021

RAATZ, Luís. Entidades condenam ameaça de Bolsonaro de retaliar jornais. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2020. Política. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,abracj-condena-ameaca-de-bolsonaro-de-punir-folha-com-corte-de-publicidade-oficial,70002575020>. Acesso em: 30 ago. 2020.

REDAÇÃO. Por que o histórico de atleta não garante imunidade contra a Covid-19. **Veja**, São Paulo, 07 jul. 2020. Política. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/infectedo-pela-covid-19-bolsonaro-colocara-a-prova-historico-de-atleta/>. Acesso em: 27 ago. 2020.

REDES sociais deram voz a legião de imbecis, diz Umberto Eco. **UOL Notícias**, [s. l.], 11 jun. 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm>. Acesso em: 03 set. 2020.

RODRIGUES, Mateus. Após reduzir boletim diário, governo Bolsonaro retira dados acumulados da Covid-19 do site. **G1**, Brasília, DF, 06 jun. 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/06/apos-reduzir-boletim-governo-bolsonaro-retira-dados-acumulados-da-covid-19-de-site-oficial.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ROSSI, Mariane. Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP. **G1**, Santos, 05 mai. 2014. Santos e Região. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>. Acesso em: 01 set 2020.

SALAS, Javier. Movimento antivacina cresce em meio à pandemia. **El País Brasil**, São Paulo, 04 jun. 2020. Pandemia de Coronavírus. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-06-04/movimento-antivacina-cresce-em-meio-a-pandemia.html>. Acesso em: 02 set. 2020.

SANTOS, Cléber dos. Conheça as *fake news* mais absurdas já checadas sobre o coronavírus no mundo. **UOL Notícias**, São Paulo, 31 ago. 2020. Tilt. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/>

[redacao/2020/08/31/conheca-as-fake-news-mais-absurdas-ja-cheçadas-sobre-o-coronavirus.htm](https://www.reciis.icict.fiocruz.br/redacao/2020/08/31/conheca-as-fake-news-mais-absurdas-ja-cheçadas-sobre-o-coronavirus.htm). Acesso em: 02 set. 2020.

SILVA, Fernanda de Barros da. **O regime de verdade das redes sociais on-line**: pós-verdade e desinformação nas eleições presidenciais de 2018. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Rafael; PASTI, Daniel. Da “gripezinha” ao “e daí?”: as falas de Bolsonaro em cada fase da pandemia. **A Gazeta**, Vitória, 05 mai. 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/politica/da-gripezinha-ao-e-dai-as-falas-de-bolsonaro-em-cada-fase-da-pandemia-0520>. Acesso em: 02 set. 2020.

SOUZA, André de; FERREIRA, Paula. Brasil completa dois meses sem titular à frente do Ministério da Saúde. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jul. 2020. Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-completa-dois-meses-sem-titular-frente-do-ministerio-da-saude-1-24533078>. Acesso em: 06 set. 2020.

TEIXEIRA, Adriana. **Fake news contra a vida**: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.

TEÓFILO, Sarah. Bolsonaro testa positivo para Covid-19 em novo teste. **Correio Braziliense**, Brasília, DF, 22 jul. 2020a. Política. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/22/interna_politica,874227/bolsonaro-testa-positivo-para-covid-19-em-novo-teste.shtml. Acesso em: 23 ago. 2020.

TEÓFILO, Sarah. Investigações no Supremo e no TSE podem afetar chapa que elegeu Bolsonaro. **Correio Braziliense**, Brasília, DF, 14 jun. 2020b. Política. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/14/interna_politica,863542/investigacoes-podem-afetar-chapa-que-elegeu-bolsonaro.shtml. Acesso em: 30 ago. 2020.

VEJA. Por que o histórico de atleta não garante imunidade contra a Covid-19, São Paulo, 07 jul. 2020. Política. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/infectado-pela-covid-19-bolsonaro-colocara-a-prova-historico-de-atleta/>. Acesso em: 27 ago. 2020.

VELEDA, Raphael. Por ordem de Bolsonaro, Exército já fez mais cloroquina do que em 10 anos. **Metrópoles**, Brasília, DF, 15 maio 2020. Brasil. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/por-ordem-de-bolsonaro-exercito-ja-fez-mais-cloroquina-do-que-em-10-anos>. Acesso em: 23 ago. 2020.

WAGNER, Roberto. O que é a ozonioterapia retal, sugerida por prefeito para tratar Covid-19?. **Metrópoles**, Brasília, DF, 04 ago. 2020. Saúde. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/o-que-e-a-ozonioterapia-retal-sugerida-por-prefeito-para-tratar-covid-19>. Acesso em: 22 ago. 2020.

ZATTAR, Mariana. Competência em Informação e Desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, e5391, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5391>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5391>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ZYLBERKAN, Mariana. TCU investiga ‘propaganda’ de Bolsonaro sobre uso da cloroquina. **Veja**, São Paulo, 22 jul. 2020. Política. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/tcu-investiga-propaganda-de-bolsonaro-sobre-uso-da-cloroquina/>. Acesso em: 23 ago. 2020